

RECENSÃO CRÍTICA

**GABRIELA GÂNDARA TERENAS, *ENTRE A HISTÓRIA
E A FICÇÃO. AS INVASÕES FRANCESAS
EM NARRATIVAS PORTUGUESAS E BRITÂNICAS,*
CASAL DE CAMBRA: CALEIDOSCÓPIO, 2012***

*Maria Leonor Machado de Sousa
Universidade Nova de Lisboa
CETAPS*

Desde 2007 que têm tido lugar em Portugal diversas actividades nas esferas histórica, militar e cultural, com organização de conferências, congressos, exposições e publicações centradas na evocação das invasões napoleónicas. Realmente, se pusermos de lado a recolha de informações que os últimos Embaixadores franceses desta época, os generais Lannes e Junot e o Encarregado de Negócios Rayneval, terão com certeza feito para dar a conhecer a Napoleão a situação de Portugal, aquilo que poderemos considerar como início do processo que envolveu a relação do Imperador com Portugal e que justifica a escolha dessa data foi o tratado assinado em Fontainebleau no dia 27 de Outubro de 1807 por representantes da França e de Espanha, tratado esse que na prática dividiu Portugal entre esses dois países. A abdicação de Carlos IV de Espanha e o fracasso das invasões militares na Península Ibérica tornaram inviável o Tratado de Fontainebleau, mas não evitaram uma situação política, militar e social dramática na Península que se repercutiu numa abundante produção literária, manifestada em obras que vão desde a área estratégica e militar até à descrição da experiência pessoal vivida nos vários anos de guerra, possivelmente

* Este estudo foi realizado no quadro do Projecto Estratégico PESt-OE/ELT/UI4097/2011, domiciliado no CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) e financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

ainda não completamente conhecida. No caso português, esta última vertente foi já analisada pela Doutora Gabriela Gândara Terenas na obra *O Portugal da Guerra Peninsular*, publicada no ano 2000.

Esta Investigadora foi agora mais longe, procurando nas literaturas portuguesa e britânica, mais precisamente no romance, o tratamento que os autores de ambas as nações não deixaram de fazer até aos nossos dias dos problemas que a situação de guerra internacional provocaram no nosso país. Tanto quanto sei, a obra que nos é apresentada agora é o primeiro estudo realizado nesta área, centrado no número inesperadamente elevado de obras deste tipo publicadas nos dois países, respectivamente 22 e 28 até 2011, se exceptuarmos as 19 obras portuguesas consideradas secundárias neste contexto. À partida, é particularmente inovadora – e direi mesmo aliciante – a perspectiva do modo como é feita a abordagem do material que coligiu, combinando equilibradamente a história e a ficção, revelando simultaneamente um sólido conhecimento histórico e uma fina sensibilidade no tratamento literário de uma época e de uma problemática que felizmente não conheceu.

O próprio esquema do trabalho, teoricamente apresentado na “Introdução: Entre a História e a Literatura”, é particularmente meritório ao mostrar bem claro como sabe distinguir o perfil histórico das personagens a que não pode fugir, como os generais franceses, Bernardim Freire de Andrade, Beresford e Wellington, da visão que as personagens romanescas poderiam ter delas. Este estudo, que ocupa o segundo capítulo, incide separadamente nas figuras reais portuguesas, britânicas e francesas que directa ou indirectamente determinaram os acontecimentos que são o pano de fundo dos enredos que os romancistas imaginaram. Pretende esta abordagem não apenas dar a conhecer aquilo que nos foi transmitido pelos historiadores mas também – talvez até principalmente – pelo que delas ficou na tradição, na cultura e até em expressões que ainda hoje encontramos na língua portuguesa.

A descrição da guerra, sobretudo dos episódios que foram escolhidos para cenário e justificação das tramas romanescas, ocupam os dois capítulos seguintes, os que melhor revelam o minucioso trabalho de investigação histórica a que a autora se entregou.

Último na estrutura da obra mas que merece um destaque particular é o capítulo intitulado “Auto e Hetero-Avaliações dos Povos Envolvidos”. Na verdade, é um tipo de análise que o leitor não esperaria encontrar, sobretudo porque aparentemente ultrapassa aquilo que seria de pensar que teria sido

feito numa análise que se apresenta como abordagem ficcional. A atestar a validade desta abordagem, não posso deixar de referir aqui a citação de Mendo Castro Henriques que a autora faz na página 26:

É a ficção a melhor forma de contar a história? ... o debate sobre as relações entre historiografia e ficção é milenar, desde que Aristóteles estabeleceu na Poética que, no que toca a transmitir a experiência humana, a ficção usufrui de superioridade sobre a historiografia devido aos mitos que cria ..., às peripécias da acção.

Embora alguma coisa da sua avaliação tenha aflorado ao longo da análise dos romances, esta parte do trabalho não é uma conclusão que reúna aquilo que já foi dito. Mais do que isso, é uma visão que poderemos considerar sociológica, sinal de uma tendência de que a autora já dera mostras na primeira obra que publicou. Este capítulo é muito interessante e está amplamente justificado com aquilo que nos vai contando dos romances estudados.

Penso que temos que aceitar o ponto de vista de Aristóteles atrás citado, o que valoriza extremamente o romance histórico, género algo desacreditado nas primeiras décadas do século XX, mas que, a partir dos anos 80, teve uma recuperação extraordinária que ainda não deu sinais de abrandar. Relativamente aos romances sobre a Guerra Peninsular, os números confirmam estas realidades. Ainda no século XIX, quando o género surgiu, encontramos sete romances sobre esta temática em Portugal e oito em Inglaterra, mas o número cresce na era do seu renascimento, sobretudo já no século XXI, com dez em Portugal e nove no Reino Unido.

Contudo, nunca neste trabalho se perde a avaliação crítica, que não faz generalizações. Por exemplo, encontramos o destaque para a preocupação dos autores portugueses, que alternam ficção com factos históricos, sublinhada inclusivamente com notas de rodapé explicativas, tendentes a mostrar o conhecimento das fontes históricas e a veracidade do que contam. Em contrapartida, os autores britânicos, tão desconhecedores do nosso país como os seus leitores, não revelam empenho no rigor histórico e dão maior relevo à trama romanesca.

Das figuras reais que a ficção recordou, tenho que destacar as duas que realmente decidiram para mal e para bem este período dramático: Napoleão e Wellington. Quanto a Napoleão, praticamente a personagem ausente que apesar disso é o motor de todo o mal que esta guerra representa, é curioso que tanto portugueses como ingleses o reconheceram como um homem excepcional, como diz Pinheiro Chagas, que o vê mesmo

como “o mais assombroso general que o mundo tem conhecido”. É claro que esta grandeza acaba por ser considerada negativa. Para os portugueses, ele era o “Anti-Cristo”, a “Grã-Besta do Apocalipse”. Quanto aos ingleses, centraram-se mais na sua personalidade, que revelava os piores e por vezes ridículos defeitos. Mas não podiam negar a sua grandeza como chefe, estratega e militar, e serviram-se do reconhecimento dessa grandeza para enaltecer o valor do seu herói nacional Wellington, que conseguiu derrotá-lo.

São muitos os aspectos interessantes desta obra. A minha intenção foi essencialmente chamar a atenção para a leitura interessante e fluída que ela proporciona. Por todos os méritos, os que referi e os muitos que nesta obra se encontram, termino com os mais sinceros parabéns à autora e aos estudos anglo-portugueses, que passam a contar com mais um importante trabalho que desbrava uma área até agora desconhecida. A Guerra Peninsular tem sido muito estudada nos aspectos históricos e políticos e também, por parte dos membros do CETAPS, sobretudo na produção epistolar, diarística ou simplesmente apresentada como algo que se aproxima de recordações ou notas de viagem dos militares britânicos que na época em causa serviram a Península. Com esta obra dá-se um passo mais, na literatura, demonstrando como numa época tão trágica para o nosso país e para as tropas luso-britânicas que a viveram, os romancistas encontraram ainda assim uma fonte abundante para uma produção que ainda hoje consegue prender o interesse do leitor.